

ENSAIOS DE UMA FORMAÇÃO ENCHARCADA PELA EXPERIÊNCIA: CARTOGRAFIAS COM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Rehearsals of a Formation Soaked with Experience: Cartographies with Psychology Students

Bianca Isabel Pederiva¹

Suzana Feldens Schwertner²

Resumo: Este artigo trata de um ensaio referente a uma formação em Psicologia encharcada pela experiência, visando tal perspectiva como um outro modo de pensar o processo formativo. Com a intenção de referenciar as operacionalidades do ensaio e as sonoridades da experiência, reverenciam-se os estudos de Jorge Larrosa (2003, 2004, 2018a). Já para rastrear algumas pistas do método cartográfico, conta-se com as produções de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), entre outros. O método acontece pela construção de cinco encontros efetuados com quatro estudantes de Psicologia da Universidade do Vale Taquari, nos quais foram realizados cinco exercícios de pensamento, possibilitando o movimentar do pensar ao encontro da experiência. Os efeitos foram narrados em um diário de bordo produzido pela pesquisadora, compondo a análise da pesquisa. Como resultados, criaram-se cinco problemas que versam sobre os encharques da experiência na formação, atravessados por gestos de encontro com outros corpos; o tempo singular para se perder em seus labirintos; a profanação de cristalizações; o colecionamento e o compartilhamento de narrativas e o caráter de “ex-posição” dos sujeitos da experiência, enquanto estudantes de Psicologia. Ao final, apresentam-se considerações acerca das potencialidades da pesquisa como um espaço de abertura, possibilitado pelo ensaio e cartografia.

Palavras-chave: Experiência. Ensaio. Cartografia. Formação. Psicologia.

Abstract: This article is about rehearsing a formation in Psychology soaked in experience, looking to such perspective as another way of thinking about the formation process. With the intention of referencing the operationalities of the rehearsal and the sonarities of the experience, the studies of Jorge Larrosa (2003, 2004, 2018) are revered. With the intention to trace some clues of the cartographic method, productions from Passos, Kastrup, and Escóssia (2009), amongst other autores, were counted on. The method happens through the construction of five encounters with four Psychology students from the Universidade do Vale Taquari. In the encounters, five thought exercises were proposed, enabling the movement of thinking in

¹ Psicóloga. Residente em Atenção Materno-Infantil e Obstetrícia do Grupo Hospitalar Conceição. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4439-6249>. E-mail: bianca.pederiva@universo.univates.br

² Psicóloga. Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Taquari – Univates. Docente do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari – Univates. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2913-9191>. E-mail: suzifs@univates.br

encounter with the experience. The effects of these encounters were narrated in a logbook produced by the researcher, composing the research analysis. As results, five problems were created that deal with: the soaking of experience in the formation crossed with gestured of encounters with other bodies; the individual time to get lost in ones one labyrinths; the desecration of crystallizations; the collection and the sharing of narratives and the “ex-position” character of the subjects of the experience, as Psychology students. At the end, considerations surrounding the potential of research as an opening space, making possible rehearsal through cartography.

Keywords: Experience. Rehearsal. Cartography. Formation. Psychology.

1 Pistas introdutórias: ensaiando movimentos do pensar

Iniciamos a presente escrita com algumas pistas introdutórias. Logo, anunciamos que esta é uma escrita da experiência. Uma narrativa que se compõe a partir de criações singulares de estudantes de Psicologia, participantes da pesquisa “Ensaaios de uma formação encharcada pela experiência (exercícios cartográficos com estudantes de Psicologia)”, desenvolvida por uma aluna do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari – Univates. Com base em tal projeto, considera-se a experiência como aquilo que (nos) acontece, o que (nos) sucede e passa conforme (nos) oportuniza pensar o pedagogo Jorge Larrosa (2018a).

Na companhia do autor, trata-se de ensaiar modos de aproximação da experiência, tomando-a como uma diferente possibilidade de pensar a formação em Psicologia. O ensaio, portanto, acompanha-nos como uma investida e podemos perceber este artigo também como uma tentativa de operacionalizá-lo (LARROSA, 2003, 2004). Por compreendermos o ensaiar como uma das linguagens da experiência, tomamos distância de um imperativo pautado no detalhamento de conceitos. De outro modo, trabalhamos as palavras e as jogamos, profanamos e repensamos em contraposição às suas cristalizações. Quando ensaiamos, é como se pudéssemos nos deparar com um novo olhar e atenção que, em vez de construir certezas, permitem-nos fazer novos questionamentos. Assim, apresentamos este artigo a partir de uma aproximação com a forma de escrita ensaística, para que fosse possível converter o presente em problema, mostrando “[...] a estranheza daquilo que nos é mais familiar, a distância do que nos é mais próximo” (LARROSA, 2004, p. 34).

De que modo é possível pensar a formação em Psicologia encharcada pela experiência? Como consequência desse questionamento, deparamo-nos com o objetivo da investigação. Encharcar é um verbo escolhido com cuidado e que diz muito sobre a disponibilidade de uma imersão na experiência, bem como de uma colisão, um assombro, um choque inesperado. Tal inquietação provém da concepção de que ela é cada vez mais rara, como já nos apontava Walter Benjamin (1987), destacando o aumento da técnica, imbricado em um distanciamento daquilo que, primordialmente, deve existir para que a experiência aconteça. Para o ensaísta, estaríamos lidando com um empobrecimento da condição humana enquanto a negociamos “[...] muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (BENJAMIN, 1987, p. 119). Nessa problemática, aprofundada por Jorge Larrosa, percebem-se os excessos de informação, opinião e trabalho como propulsores de uma formação pobre em experiência, assim como a falta de tempo, característica de um “[...] sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim [...] sujeito que usa o tempo como mercadoria” (LARROSA, 2018a, p. 23).

No Ensino Superior, a experiência atravessada pela formação é frequentemente percebida como um produto, como algo que se deve adquirir, sendo explícita pela quantidade de oportunidades, de participações e objetivos que precisam ser atingidos pelos estudantes. A experiência é vista a partir do tempo que demanda uma meta ou uma finalidade. Nesse sentido, está estreitamente ligada ao conceito de prática. Quanto mais prática, mais experiência. Quanto mais, melhor. Entretanto, tomamos distância dessa noção de experiência por acreditar que também se encontra presente na formação em Psicologia. Desse modo, a pesquisa acontece no sentido de contradizê-la, pensar a formação não como uma propulsora de sujeitos experientes, mas um espaço aberto para sujeitos da experiência (LARROSA, 2018a). Seguida essa pista, talvez, seja possível pensar uma formação encharcada por uma experiência que expressa a condição humana, que acontece de forma a deixar certos choques d'água, certas aprendizagens inesperadas, que nos proporcionam sentir correntezas diversas, fluxos disruptivos, novos movimentos do pensar.

Para materializar tal problemática, além de encontrar alicerce na escrita ensaística, a pesquisa foi desenvolvida por meio de cinco exercícios cartográficos, realizados com quatro estudantes do Curso de Psicologia da Univates. Nomeada “pesquisa-intervenção”, a cartografia nos convoca para um distanciamento de um caminhar prescritivo, que já sabe o que irá encontrar ao longo do trajeto da pesquisa. Em oposição, aposta em uma jornada que “[...] traça, no percurso, suas metas” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17). Para tanto, não dispõe de regras que determinem passos a serem seguidos. No lugar, apresenta pistas que podem ser compreendidas como referências para a abertura de territórios múltiplos, singulares e fluidos. Assim, utilizando-se da cartografia, pode-se perceber a investigação como uma pesquisa-intervenção que, de alguma maneira, procura escutar o soar da experiência, sentir seus tremores, mergulhar em suas águas.

Pelo fato de a cartografia traçar o acompanhamento de processos, assim como o próprio ensaio, é dessa maneira que também apresentamos o artigo. Primeiro, aprofundamos o trilhar da pesquisa, retratando os cenários em que ela aconteceu, além de evidenciar como ocorreu o processo de análise. Nas seções seguintes, articulamos os cinco encontros realizados com os estudantes participantes visando ensaiar algumas proposições para o problema de pesquisa. Por fim, destacamos a investigação como um espaço de abertura para a experiência, a partir da implicação dos participantes e da pesquisadora com os exercícios propostos, em um pesquisar que se construiu no coletivo.

2 Notas cartográficas: a experiência entre o estudo e o pesquisar

Como pensar a experiência articulada à formação em Psicologia? Como escrever sobre a experiência? Como torná-la matéria de estudo? Essas foram algumas inquietações propulsoras dos primeiros movimentos da pesquisa. A partir do que podemos chamar de fragmentos de estudo, compilamos notas sobre o que seria experiência e de que modo poderíamos escrevê-la sem torná-la parte do imperativo mercadológico, do qual já relatamos nossa intenção de distanciamento. Talvez, tal processo possa ser percebido como um deslocamento inicial de rastreio, uma busca atencional que não sabe muito bem o que procura, sendo o alvo do cartógrafo aquilo que, de repente, emergirá como possível problema (KASTRUP, 2009). De fato, da experiência, surgiram várias interrogações, nas quais tivemos de nos deter por um bom tempo, reverenciando seus ensaios com certa quietude, com disposição e cuidado.

Na procura de torná-la matéria de estudo, em um gesto de dispô-la sobre a mesa (LARROSA, 2018b), deparamo-nos com certas precauções necessárias para que se fizesse ouvir a sonoridade da experiência. Apresentadas por Jorge Larrosa (2018a), constituem-se

tentativas de proteção da palavra e, assim, impedir que seja transformada em um produto como geralmente ocorre. A primeira diz respeito a uma diferenciação e separação: a experiência difere de um experimento e, para além disso, deve distanciar-se de toda tentativa de sua objetificação. Já a segunda, “[...] consiste em tirar da experiência todo dogmatismo, toda a pretensão de autoridade” (LARROSA, 2018a, p. 41); expulsar dela qualquer atitude dogmática significa que ela não se constitui como algo que possa ser transmitido de sujeito para sujeito como se fosse uma verdade, um modelo ou uma referência.

Portanto, é potente perceber a singularidade da experiência, sua relatividade e contingência, únicas em cada pessoa ou, em nosso caso, estudantes em formação. Por isso, a terceira precaução se refere à necessidade de um afastamento da palavra experiência da de prática (LARROSA, 2018a). Tal noção é extremamente pertinente ao pensarmos a configuração do Ensino Superior, incluindo a formação em Psicologia. Para Larrosa (2018a, p. 41), deve-se “[...] pensar a experiência não a partir da ação e sim a partir da paixão, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo do ponto de vista da paixão”. Aqui, toma-se a palavra paixão em sua origem no latim *passio*, compreendendo-a como um sentimento que expressa um ato de sofrer, o qual encontra seu significado no momento em que deixamos que algo nos passe e permitimos que ele nos afete. Nesse sentido, o indivíduo que pensa a partir da paixão é um sujeito “[...] receptivo, aberto, exposto” (LARROSA, 2018a, p. 42), algo que, necessariamente, não é garantido por atividades consideradas práticas. Como nos lembra Eymard Vasconcelos, médico reverenciador da Educação Popular em Saúde, “a experiência transborda os objetivos da prática que foi planejada” (VASCONCELOS, 2020, informação verbal)³.

O desafio da precaução seguinte se refere a não tornar a experiência um conceito, haja vista seu caráter de acontecimentos. É em função de tal sentido, também, que, neste artigo, procuramos ensaiar a palavra – e seus possíveis etceteras – pensando a experiência “[...] como o que não se pode conceituar, como o que escapa a qualquer conceito, a qualquer determinação” (LARROSA, 2018a, p. 43). Fazer da experiência algo para além do conceito não significa tomá-la como se comportasse toda e qualquer ação e, por isso, adentramos nas últimas precauções elaboradas pelo pedagogo: nem tudo é experiência, sendo isso algo a ser evitado, pois esta não é um imperativo (LARROSA, 2018). Torná-la assim seria transformá-la em uma verdade, afirmando que ela deve acontecer, além de criar condições para isso. Seu tremor se modificaria em técnica; seu sentido se reduziria em ser ou não útil e, por fim, não poderíamos mais falar em um outro modo de pensar a formação.

Se para Kastrup (2009, p. 42) “[...] tudo caminha até que a atenção, numa atitude de ativa receptividade, é tocada por algo”, parece ter sido nesse sentido que fomos afetados pela possibilidade da cartografia, compreendendo-a como uma metodologia aberta tanto para suas precauções como para tudo aquilo que a experiência demandaria de nós. Como pesquisa-intervenção, o método cartográfico aparece como “[...] uma assinatura expressiva que faz emergir ritmos como qualidades próprias que, não sendo indicações de uma identidade, garantem a formação de certo domínio” (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 133). Encarado em sua expressividade, o domínio escapa da perspectiva de função, ou seja, o cartógrafo não procurará demonstrar a funcionalidade de um/uns objeto(s), plano ou qualquer intervenção. Ele perceberá o encontro com os signos e seus efeitos, impactos e afetos como forças que se desencadeiam de modos expressivos. Nesse sentido, acredita que tanto os sujeitos como os objetos e os comportamentos não devem se constituir foco da pesquisa, “[...] cedendo lugar aos

³ Informação verbal fornecida pelo autor na “Roda de Conversa - Educação Popular em Saúde: compartilhando experiências” do evento 10º Simpósio Interdisciplinar em Saúde e Ambiente - SISA, 9º Seminário de Educação Permanente em Saúde e 16ª Semana Interdisciplinar em Saúde (SISA), ocorrida no dia 23 de setembro de 2020.

‘personagens rítmicos’ e às ‘paisagens melódicas’” (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 134), ou seja, à experiência como um acontecimento.

Mas como isso pode acontecer? Como materializar (até certo ponto, momentaneamente) uma cartografia da experiência na formação em Psicologia? Como tornar a pesquisa possível? De acordo com Kastrup e Barros (2009, p. 77), “[...] a cartografia, enquanto método, sempre requer, para funcionar, procedimentos concretos encarnados em dispositivos”. A noção de dispositivo pensada pelas autoras é proveniente dos escritos de Michel Foucault (1979, p. 244), que comenta que seus elementos “[...] são o dito e o não dito” e que o dispositivo seria “[...] a rede que se pode estabelecer entre esses elementos”. Nesse sentido, ambas compreendem o dispositivo como “[...] uma série de práticas e de funcionamentos que produzem efeitos” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 81), e seu potencial na cartografia evidencia sua composição na forma de conexões, agenciamentos e transversalidades. Assim, o dispositivo pode ser visto como disparador de movimentação, tensionamento e criação de territórios outros.

Perante tais concepções, procuramos algumas respostas para os questionamentos que nos inquietavam, concedendo corpo à pesquisa. Dessa maneira, passamos a compreender a formação como um dispositivo que, permeado de tantos outros, produz discursos, linhas de força e certos modos de subjetivação. A partir disso, foi possível elaborar a seguinte proposição: criar dispositivos dentro dos próprios dispositivos. Os primeiros, talvez, pudessem ser capazes de possibilitar o movimento da nossa atenção em direção à experiência sem torná-la um conceito, um experimento ou um imperativo.

Assim sendo – e aqui passamos a apresentar nossas intervenções de pesquisa –, criamos cinco exercícios cartográficos para potencializar o movimento do pensamento acerca da formação em Psicologia, cuja inspiração maior foi o livro *Objetos de Pensar: exercícios para a docência* (MUNHOZ *et al.*, 2020), elaborado pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates). Logo em seu prefácio, somos provocados pelo psicólogo e professor Cristiano Bedin da Costa com a questão “o que pensar quer dizer”?, que, segundo ele, é como instaurar uma perspectiva: “quem pensa inaugura um modo de perceber certas coisas, ou então inventa coisas e objetos, introduzindo assim um arranjo diferente na distribuição da realidade” (COSTA, 2020, p. 11). Mas o pensamento não surge do nada, do branco, do vazio; é preciso algo que o movimente e que o possa disparar.

Larrosa (2018b, p. 392) também nos auxilia no pensar, seguindo essa compreensão quando, em uma visita a um museu, deparou-se com um caderno de exercícios: “[...] não um caderno de experiências, mas de exercícios”. O que estes faziam era chamar a atenção para que fosse possível perceber as produções dos artistas de uma maneira outra, pois “[...] tudo estava lá, à vista de todos, e a única coisa que faltava era olhá-lo, pensá-lo e, talvez, conversá-lo” (LARROSA, 2018b, p. 393). Foi a partir disso que optamos por criar os cinco exercícios de pensamento – a maioria dos quais não se refere diretamente à palavra experiência, mas de possíveis acontecimentos da formação em Psicologia.

Criados os exercícios, convidamos os estudantes a exercitá-los. Para tanto, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Univates, considerando todas as implicações éticas referentes ao processo de intervenção, envolvendo sujeitos (CAAE: 40781720.8.0000.5310). Em seguida à sua aprovação, conversamos com a coordenação do Curso de Psicologia da Univates, a quem comunicamos a intenção de desenvolvermos o estudo. Com o apoio da coordenadora, enviamos um convite via e-mail institucional aos cento e noventa e oito estudantes do curso que, para participarem, deveriam estar, no mínimo, há um ano na caminhada na graduação. A proposta foi aceita por quatro mulheres, cuja faixa etária era de vinte a vinte e oito anos e com vivências entre o quarto e o oitavo semestres da universidade.



mundo, que provoca uma mudança de ritmo, de caminho, de paisagem” (KOHAN, 2015, p. 23).

Diante de tal fato, propomos às alunas participantes que pensassem em um momento de suas vidas, como estudantes de Psicologia, que provocara mudanças em suas percepções, desnaturalizando o olhar para algo que era até então naturalizado, seja na sala de aula, no espaço da universidade, ou na relação com os colegas. Assim, seguindo as instruções do Objeto (SCHWERTNER, 2020) e, em folhas tamanho cartão-postal, elaborariam um desenho com algumas palavras que indicassem esse “terremoto”. Ao final, como nos demais exercícios, as produções seriam compartilhadas com o grupo.

Lançada a proposta, as inquietações iniciais das estudantes começaram a surgir: “o acontecimento inicial eu sei, ele foi desencadeando outros” (E2); “estou pensativa; têm tantos, vamos discutir!” (E1). Entretanto, logo iniciaram o desenho, considerando o tempo de trinta minutos que, de modo coletivo, foi acordado para a produção do exercício. Por sua vez, a pesquisadora escreveu em seu Diário que

O silêncio se instaura e as câmeras continuam abertas. Cada estudante com sua cabeça baixa, todas completamente atentas ao papel. Por vezes, olham para a tela, como se fosse para perceber se os outros ainda estavam ali presentes. O exercício silencioso de tal produção, junto ao fato das câmeras estarem abertas, parece trazer uma sensação de presença, apesar dos quilômetros de distância (Diário de Bordo, 22 de março de 2021).

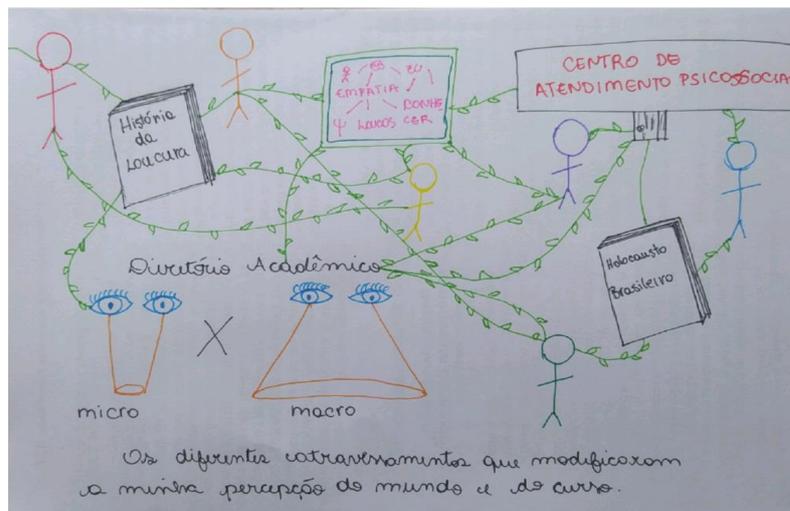
Uma estada no presente do indicativo – desenvolva pela atenção dirigida ao exercício – era o que parecia suceder-se naquele momento. A partir de Rancière (2018, p. 46), pode-se compreender a atenção como algo que se encontra “[...] sob a coerção absoluta de uma vontade”. Neste sentido, foi possível perceber nas participantes uma disposição coletiva para fazer acontecer tanto o exercício quanto o encontro, demonstrando que a pesquisa já ocorria para além de “um conjunto de pessoas e coisas reunidas” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 18). O que estava sendo possibilitado, portanto, era a criação do que em cartografia se chama “plano comum”, um território heterogêneo compreendido como campo de diferenças compartilhadas, espaço de pertencimento, “[...] experimentação no plano coletivo, construção do comum” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 26).

Os desenhos e as narrativas das estudantes também apresentaram essa implicação, o que nos permite pensar a experiência como algo que é muito próximo àquilo que podemos compreender como um encontro. Além de falarmos de encontros entre sujeitos, aqui nos referimos àqueles do aluno com matérias de estudo, paisagens percorridas, territórios pisoteados e recriados conforme suas caminhadas. Tal percepção se percebe na criação de E1, que desenhou um rizoma, simbolizado por plantas que se proliferam e se expandem, entrelaçando livros, matérias, estágios, professoras e colegas, com um espaço especial para o movimento estudantil do qual fez parte como membro de um diretório acadêmico. Na sequência, apresenta-se sua criação⁶:

⁶ Todas imagens apresentadas contêm autorização das participantes da pesquisa via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



Ilustração 1 – Terremoto Interior de E1



Fonte: Criação de participante E1, 2021

Já o “terremoto” de E2 constitui a representação de um momento que demarca “[...] um antes e um depois” segundo a participante. Ela retrata um período em que se encontrava vulnerável; portanto, necessitava da empatia dos demais colegas. Por ter se deparado com a sua ausência, desenha uma pessoa se olhando em um espelho, com a legenda: “o outro, o outro, o outro,... e eu?” (E2). Para ela, “como estudantes de Psicologia, estamos a todo momento falando do ‘outro’ e, em contraposição, pouco olhamos para nós mesmos” (E2). Esse fragmento permite questionar nossa abertura para o encontro, para que “[...] algo nos aconteça ou nos toque” (LARROSA, 2018, p. 25). Na sequência, visualiza-se a produção de E2:

Ilustração 2 – Terremoto Interior de E2



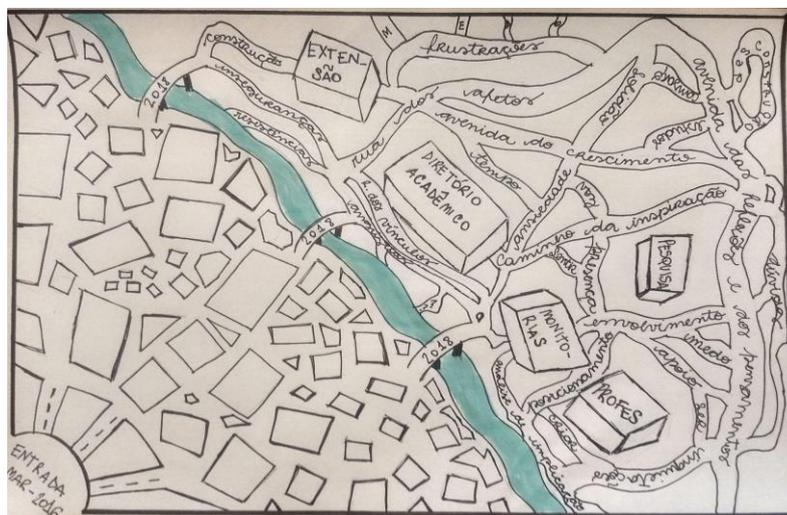
Fonte: Criação da participante E1, 2021

Ao descrever a errância como uma marca do professor Rodríguez, Kohan (2015) aponta a inconformidade daquele com um estado de coisas fixas ao passo que procura interrompê-las. Em tal movimento, o errante não se encontra sozinho em seus acontecimentos, uma vez que



nomeassem os espaços encontrados ou construídos. Abaixo, visualiza-se a cidade-formação produzida por E2:

Ilustração 3 – Cidade-formação de E2.



Fonte: Criação da participante E2, 2021

No desenho, observa-se que a participante retrata o momento de seu “terremoto interior”, por meio das três pontes com o número 2018, representando o ano em que ele se sucedeu. Como divisores de água, ela comenta como antes de tal acontecimento “[...] as coisas estavam mais rígidas, eram mais em quadrados e eu não estava tão envolvida com o curso” (E2). Ao atravessar para o outro lado da cidade, nota-se que os quadrados foram se transformando em prédios, construções que anteriormente não existiam, bem como as ruas se misturam umas às outras. Estas estão permeadas de palavras que dizem algo sobre sua formação: “rua dos afetos”; “avenida do crescimento”; “caminho da inspiração”; “solidão”; “frustrações”; “dúvidas”; “envolvimento”, entre outras, que representam acontecimentos suscitados após o que chamou de um “[...] acordar para o curso” (E2).

A partir do compartilhamento das produções das participantes, criamos um momento de discussão sobre os abalos sísmicos que afetam nossas cidades na formação em Psicologia, bem como os caminhos que construímos enquanto a exploramos e percorremos, pisando em seus gravetos, olhando para os raios de sol (BENJAMIN, 2000). A estudante E1 destaca o quanto o curso “[...] movimenta muitas coisas, e se tu não paras, tu não consegues absorver e então foges”. Já a estudante E3 complementa que, na formação, “[...] o tempo todo a gente está se modificando, sempre tem algo nos mobilizando”. Ambas, portanto, atribuem ao tempo um caráter de relevância, o que nos faz retornar ao comentário da aluna que introduzimos no começo desta seção: “parar, talvez seja parar para pensar [...] sobre o porquê se faz as coisas” (E4).

Verifica-se que falamos em um tempo diferenciado pela sua possibilidade de acontecer lentamente, permitindo aquilo que as estudantes chamam de “momentos para pausa”. Assim, trata-se de tomar distância de um tempo “[...] crônico, feroz, linear, cumulativo e sempre urgente que escraviza e destrói com suas rodas aos que nele vivem” (LARROSA, 2003b, p. 17). Distância de um tempo que engessa cidades e não permite a existência de labirintos. Como

relata E4, a universidade “[...] é tão corrida, somos tão estimulados, que parar para sentir é algo que está faltando muito”.

Em contrapartida, permitem-se aproximações de um tempo que Larrosa (2018b, p. 236) compreende como “[...] tempo para cometer erros, para repetir, para fazer novamente, para começar de novo [...] tempo para fazer as coisas devagar, com atenção, com paciência, com cuidado”. Ao que nos parece, somente assim seremos capazes de pensar quem somos neste momento e o que queremos com aquilo que fazemos de nosso processo formativo (COSTA, 2020). Tal qual um encontro, um acontecimento, percebemos a experiência como um modo de se relacionar com tudo aquilo que compõe os labirintos da cidade que se criam durante o caminhar da formação. Assim, é imprescindível que nos coloquemos “[...] no caminho, ou melhor, no espaço que ela abre” (LARROSA, 2018, p. 75).

5 O problema de profanar a formação

Novamente, as câmeras ligadas e o silêncio preenchiam a presença do espaço virtual que ocupávamos, cada uma com seus pensamentos em movimento. Como pesquisadora, esperava o tempo passar atenta aos poucos gestos físicos das participantes, que pareciam estar completamente atentas ao exercício. Apesar da tecnologia do computador, as ferramentas mais acentuadas eram o lápis e o papel, o qual começava a ganhar alguns rabiscos (Diário de Bordo, 05 de abril de 2021).

Brincar de rabiscar algumas palavras, restituindo-as ao uso comum dos homens (AGAMBEN, 2007) foi o objetivo do terceiro exercício, intitulado *Jogar e profanar palavras*. Esse encontro, ao qual a participante E1 não pôde comparecer, inicialmente, iniciou com a apresentação do curta-metragem *Sentimentário* (GAESSLER; MAZZILLI, 2010), produção de dois estudantes de cinema. No curta, um menino descobre que o cheiro de seu quintal é proveniente da flor de Manacá – “[...] o cheiro é um botão que liga um filminho na nossa cabeça”. Sua curiosidade sobre o significado de “Manacá” o levou a procurá-lo no dicionário e acabou percebendo-o como algo “[...] chato, mas muito chato, infinito chato”, pois somente mostra o significado da palavra “[...] e mais nada”. Assim, o menino decide criar um dicionário próprio, capaz de expressar tudo aquilo que um aroma pode nos suscitar.

Após a exibição do curta, a proposta do exercício foi a criação de um jogo de palavras, as quais poderiam dizer algo sobre a formação em Psicologia. Para o filósofo Giorgio Agamben (2007), o jogo pode ser percebido como uma profanação, pois nele alguns objetos que foram apropriados por esferas constituintes da sociedade ganham outros manuseios, outros usos, outros sentidos. As crianças, por exemplo, “[...] que brincam com qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos, transformam em brinquedo também o que pertence à esfera da economia, da guerra, do direito e das outras atividades que estamos acostumados a considerar sérias” (AGAMBEN, 2007, p. 60). Dito de outra forma, matérias que anteriormente se relacionavam com certos significados pré-determinados, a partir do jogo, encontram lugar para sua reinvenção. Destituídas de sua categorização anterior, tornam-se abertas para novas possibilidades. Neste sentido, como poderíamos jogar com algumas perspectivas já constituídas em relação à formação em Psicologia?

“Autonomia” foi uma das palavras escolhida por E3, uma “habilidade que necessita nascer nas pessoas e que é sempre esperada, mas que poucas vezes lhes é ensinada”. Outra foi “acolhimento”, um “[...] termo utilizado com frequência no curso de Psicologia, porém pouco posto em prática entre colegas” (E3). Percebe-se que a estudante optou por problematizar

palavras já cristalizadas, muito citadas durante a formação em Psicologia, mas que, talvez, em contrapartida, pouco recebam o espaço necessário para serem pensadas. De acordo com Larrosa (2003b, p. 87), é a partir da fidelidade às palavras que poderíamos nos deparar com aquele que estuda:

Fidelidade que consiste em não deixar que as palavras se solidifiquem e o solidifiquem, em manter aberto o espaço líquido da metamorfose. [...] Só assim o estudante pode escapar, ainda que por um momento, ao perigo das palavras que, ainda que verdadeiras, se convertem em falsas desde que ele se contente com elas (LARROSA, 2003b, p. 87).

Talvez, profanar também possa ser um exercício de descontentamento, proveniente de uma preocupação, de uma responsabilidade e de um cuidado dirigido às palavras. É isso que fez Inês Dussel (2017) ao profanar o que seria um caráter precário da escola. Para a pesquisadora, precário é o que “[...] dá conta de que há um princípio e um fim da vida, sendo esta, portanto, digna de ser cuidada e apreciada em qualquer uma de suas manifestações” (DUSSEL, 2017, p. 89). Pois é sobre um cuidado e uma apreciação à escola que se refere, compreendendo-a como algo que está sempre por se fazer e que, portanto, não pode ser percebida em sua estabilidade. E aqui passamos a visualizar o espaço da formação, questionando se não seria justamente em sua instabilidade que encontraríamos abertura para a experiência, aproximando-nos de perspectivas outras, interrogando “[...] com linguagens novas aquilo que já se tinha visto ou acreditado” (DUSSEL, 2017, p. 109).

Após os compartilhamentos dos exercícios, E2 indagou se, nos encontros, as participantes não estariam justamente se preocupando com a Psicologia enquanto matéria e profissão. Assim, propôs um questionamento: “como fazer outras pessoas participarem de tal preocupação?” (E2). Diante do silêncio, optamos por finalizar a reunião com tal inquietação. Em efeito, como Larrosa (2003b, p. 97), percebemos que a pergunta “[...] é a paixão do estudo. E sua respiração. E seu ritmo. E sua obstinação”. Sendo assim, que ela possa ressoar.

6 O problema de colecionar narrativas

Entre o terceiro e o quarto encontros, as estudantes foram orientadas a escolherem alguns fragmentos que pudessem expressar algo sobre os percursos de suas formações. As frases selecionadas comporiam aquilo que chamamos de *Casa de Citações*, tomando como referência uma carta do professor Fernando Bárcena escrita para Larrosa (2018b). Nela, o primeiro relata que aconselha os seus estudantes: “vocês têm que colecionar as coisas do mundo: o que se escuta, o que se vê, o que se lê” (LARROSA, 2018b, p. 366).

Por conseguinte, A *Casa de Citações* poderia ser compreendida como um espaço de criação que, muito além de ser composto apenas de fragmentos, diz respeito ao modo como percebemos o mundo. Assim, é possível colecionarmos os recortes que nos fazem sentido, como também naqueles de que mais precisamos nos demorar – sendo possível revisitá-los sempre que necessário. Assim, foi a partir dessa proposta que iniciamos o quarto encontro. Já com as citações em mãos, o próximo movimento das estudantes foi escolher uma delas e lê-las às demais. Tal atividade foi gravada pela pesquisadora ao passo que as participantes podiam escolher entonações, cenários e dramatizações, tendo em vista os materiais que estavam acessíveis em suas casas, bem como as funções disponíveis na ferramenta Google Meet, utilizada nos encontros virtuais.

Diversas foram as citações escolhidas pelas participantes. A de E3, primeira a compartilhar, proveio de uma disciplina que ela cursara em Direito. Já E4 optou por duas: uma oriunda da disciplina de Ética em Psicologia; outra, presente em uma das obras que embasaram a pesquisa de Jorge Larrosa (2018), considerando-a como “o capítulo da minha vida” (E4). Por sua vez, E1 selecionou duas frases: a primeira foi explanada em um momento de despedida de uma professora do curso de Psicologia; a segunda, dita por uma usuária residente do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre - RS. Por último, adentramos aos compartilhamentos de E2, que também escolheu duas citações referentes às temáticas dos direitos humanos e dos processos de subjetivação.

No capítulo de Vida exposto por E4, também se encontram as citações que, para E3, representam significados que busca em sua formação enquanto estudante de Psicologia, e os textos que, segundo E2, são aqueles que “[...] explodem com a cabeça”. Entre tais coleções, percebem-se elementos totalmente distintos, singulares pelos sentidos que as estudantes lhes atribuíram. Assim, articulou-se tal perspectiva com o escrito por Larrosa (2018, p. 32) quando comenta que

Duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna (LARROSA, 2018, p. 32).

A partir dos exercícios realizados com as estudantes, podemos compreender seus compartilhamentos - se pensarmos no caso do presente exercício, suas casas de citações – próximos ao que o autor denomina como saber da experiência, que “[...] tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (LARROSA, 2018, p. 32). Percebe-se, portanto, que os encontros realizados na pesquisa foram espaços particulares para que os sentidos das experiências vivenciadas pelas estudantes pudessem, de certa maneira, ser novamente elaborados. Diante de tal possibilidade, é potente perguntar: quais são os tempos e os espaços da formação em Psicologia que nos permitem criar elaborações (e reelaborações) dos acontecimentos que encarnamos (e que nos encarnam)?

Para Vasconcelos, Frota e Simon (2015), a narrativa é um dos espaços do saber da experiência estudantil. Um compilado de “[...] histórias carregadas de emoção, perplexidade e sonho” é como Vasconcelos (2015, p. 15) apresenta a obra que reúne escritas de estudantes de vários cursos da área da Saúde, inclusive da de Psicologia. Para o professor, narrar um acontecimento é algo que “[...] traz à tona uma quantidade de elementos que ultrapassam as tentativas de síntese conceitual. [...] A narração, de certa forma, rompe os sistemas teóricos vigentes porque é irreduzível a eles” (VASCONCELOS, 2015, p. 16).

Tal obra representa uma via possível, pois Benjamin (1987b, p. 200) já alertava o quanto “[...] as experiências estão deixando de ser comunicáveis”. De acordo com o filósofo, em virtude do empobrecimento da condição humana, ocasionado pelo advento da relevância da informação, estaríamos cada vez mais distantes da capacidade de intercambiar nossas experiências. Ao contrário da informação – que se sucede por um momento, em um imperativo –, a narrativa seria algo que “[...] não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1987b, p. 204). Dessa maneira, retornamos aos questionamentos: estaríamos intercambiando mais informações ou narrativas durante a formação em Psicologia? Quais são as relevâncias que concedemos para ambas?



Também quero muito te falar das nossas últimas experiências, e o quanto estas têm me encharcado de experiências e aprendizados, como futura profissional, e como pessoa. São dias e momentos onde repenso, penso, me desacomodo, me acalmo e volto para uma turbulência de ideias. Mas, sobretudo, com esta possibilidade, aprendi a ser eu, acreditar mais em mim, me permitir e me reinventar (Carta de E3, 19 de abril de 2021).

[...] viver a universidade não é apenas ir para as aulas, ler textos e fazer provas. Na verdade, esta experiência pede muito mais de mim. Pede paixão, pede entrega e envolvimento, pede vínculos e acolhimento, pede lágrimas e sorrisos, pede sangue e suor, pede a mim. Me clama por completo, mas... não é só a mim que 'estar encharcado por experiências na formação' clama. Ele clama por todos nós, estudantes e professores (Carta de E4, 19 de abril de 2021).

Em efeito, as supracitadas citações evidenciam que é entre os impasses, os vínculos, as calmarias, as turbulências, as lágrimas e os sorrisos que as estudantes apontam seus encontros de experiência. Não há modelos, parâmetros, procedimentos e demais regras para que os encharques possam acontecer. Não sendo possível prevê-la, não há como colocá-la em um plano de ensino como se fosse uma atividade prática, tampouco percebê-la por meio da aquisição de competências e habilidades previstas em diretrizes curriculares. Isso não quer dizer, contudo, que ela não possa acontecer atravessada por tais meios.

Assim, talvez, o que tais fragmentos epistolares – e os exercícios e os encontros – nos possibilitam é pensar a experiência como aquilo que acontece em territórios singulares, os quais vão tomando diferentes formas a partir de trilhares únicos. São caminhos de impasses, vínculos, calmarias, turbulências, lágrimas e sorrisos, aventuras que necessitam encontrar abertura na formação em Psicologia, que precisam de espaço entre seus estudantes, professores, matérias, linguagens e demais elementos que deles fazem parte.

Em tais territórios, o sujeito da experiência aparece como aquele “ex-posto”, que não ocupa posições preliminares, que permite que algo de inesperado lhe aconteça “[...] com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e risco” (LARROSA, 2018, p. 26). Neles (territórios), o sujeito da experiência está como “[...] uma superfície sensível” (LARROSA, 2018, p. 25), aberta para os tremores, mergulhos, encharques e os possíveis acontecimentos inscritos pela experiência.

8 Pistas finais

Nesta escrita, ensaiamos cartografias de cinco exercícios realizados com estudantes de Psicologia, compreendendo-os como dispositivos que possivelmente nos permitiriam pensar o processo formativo em Psicologia encharcado pela experiência. Com o propósito de percebê-lo com outros olhos e maneiras, escrevemos sobre os soares da experiência como aquilo que nos acontece, que diz de um caráter imprevisível e inesperado, aquilo que tem alicerce em uma abertura e é atravessado por afetos, emoções, sentimentos.

Ensaier e cartografar se constituíram movimentos disparadores de pensamento, permitindo que o presente artigo pudesse tomar certa distância da determinação de resultados fechados. Ao seguir tal perspectiva, criaram-se problemas a partir dos desdobramentos que emergiram dos exercícios, bem como dos compartilhamentos realizados pelas participantes ao longo dos cinco encontros e narrados em um Diário de Bordo pela pesquisadora.

O primeiro problema se refere à proximidade da experiência com o que compreendemos como um encontro, uma relação implicada do estudante com outros sujeitos, matérias e

paisagens que dizem respeito ao espaço da formação. A partir dos terremotos interiores apresentados pelas estudantes, percebemos a experiência como algo que se incorpora ao corpo que se permite encontrar com corpos outros, o que nos fez questionar de que modo isso pode acontecer ao longo da formação em Psicologia.

No segundo exercício, a exposição das cidades-formações nos levou a compreender os acontecimentos da experiência atravessados por um tempo singular, por momentos de pausa que nos permitiram pensar sobre aquilo que estamos fazendo. O processo formativo se deu também como um tempo para caminhar sem saber o percurso, perder-se em um labirinto de erros e acertos, inícios e saídas. No terceiro exercício, inicialmente, apresentamos o jogo como uma forma de profanar algumas cristalizações já inscritas na formação em Psicologia, pensando sua instabilidade como uma potência de multiplicação de sentidos. Ao mesmo tempo, demarcamos o caráter de cuidado e de responsabilidade pelo soar das palavras com tudo aquilo que a matéria poderia causar ao estudante.

O problema de colecionar narrativas foi o desdobramento apresentado pelo quarto exercício a partir das coleções de citações apresentadas pelas estudantes. Nele, pensamos o caráter singular da experiência, bem como questionamos quais os espaços da formação que viabilizam uma elaboração de seu saber, sendo a narrativa apresentada como um campo possível para isso. Já o quinto problema demonstrou, pelos fragmentos extraídos das cartas das participantes, que a experiência pode ser percebida como algo que diz da “ex-posição” delas aos vários elementos que compõem o processo formativo.

Percebe-se que a pesquisa oportunizou a criação de um território singular para tais encontros, pois possibilitou a expressão das narrativas das participantes acerca de seus próprios processos formativos, atravessados pelas experiências que as tocaram. Neste sentido, acreditamos que as perspectivas inscritas pelo ensaio e cartografia proporcionaram algo como um espaço de abertura, “[...] espaço para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade e para a ação (sobretudo para a paixão)” (LARROSA, 2018, p.75), fazendo com que compreendêssemos a pesquisa também como um possível espaço para a experiência.

Como nos oportuniza pensar Larrosa (2018, p. 74), professor que nos acompanhou em toda a escrita, “[...] fazer soar a palavra experiência em educação” se refere primeiro a uma negativa aos modos já instituídos de pensamento, de escrita, de linguagem e, em seguida, a uma pergunta que se destina aos outros modos de pensar, escrever, conversar sobre algo. E é isso que tentamos fazer na presente pesquisa, esperando que esta ressoe em seu movimento muito mais do que em seus achados. Assim, esperamos que ela enseje outras perspectivas acerca da formação em Psicologia e, por que não, outros processos formativos. Posto isso, que possamos continuar.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. *In*: AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 58-71.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

vivências nos cursos de Saúde. 2 ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2015. p. 14-18. Disponível em: <http://www.ccm.ufpb.br/vepopsus/wp-content/uploads/2018/02/Perplexidade-na-Universidade-viv%C3%A4ncias-nos-cursos-de-sa%C3%BAde-2a-edi%C3%A7%C3%A3o-Hucitec-Editora-2015.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo. **Perplexidade na Universidade**: vivências nos cursos de Saúde. 2 ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2015. Disponível em: <http://www.ccm.ufpb.br/vepopsus/wp-content/uploads/2018/02/Perplexidade-na-Universidade-viv%C3%A4ncias-nos-cursos-de-sa%C3%BAde-2a-edi%C3%A7%C3%A3o-Hucitec-Editora-2015.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Recebido em setembro de 2021.

Aprovado em maio de 2022.